

ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DOS ESTUDOS CULTURAIS NO ÂMBITO DA LITERATURA COMPARADA

Tallyson Tamberg Cavalcante Oliveira da Silva (UFMA)¹
Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA)²

RESUMO: O presente trabalho tem como principal objetivo apontar e elaborar algumas reflexões concernentes às relações entre os Estudos Culturais e o campo investigativo da Literatura Comparada. Para tanto, busca-se aqui analisar as contribuições metodológicas que os chamados *Cultural Studies* têm possibilitado à seara do comparatismo literário, mormente no que diz respeito às relações entre a arte e a sociedade. Assim, são apontadas as aproximações e divergências sobre a questão dos limites disciplinares de cada um desses campos de investigação, alicerçados atualmente pela prática transdisciplinar, especialmente no âmbito multidirecional dos estudos literários, dado os imperativos das correntes teóricas contemporâneas. Assim, evidencia-se, no presente trabalho, o precípuo objetivo em mostrar de que modo os Estudos Culturais vêm contribuindo na seara dos estudos literários, principalmente no âmbito da Literatura Comparada, dada a sua essência, sempre calcada no diálogo plural e multidisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Estudos Culturais, Estudos Literários; Metodologia; Investigação Acadêmica.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo principal señalar y elaborar algunas reflexiones sobre las relaciones entre los estudios culturales y el campo de investigación de la literatura comparada. Con este fin, buscamos analizar las contribuciones metodológicas que los llamados Estudios Culturales han hecho posible en el campo del comparativismo literario, especialmente con respecto a las relaciones entre el arte y la sociedad. Así, se señalan los enfoques y las divergencias sobre el tema de los límites disciplinares de cada uno de estos campos de investigación, actualmente respaldados por la práctica transdisciplinaria, especialmente en el ámbito multidireccional de los estudios literarios, dados los imperativos de las corrientes teóricas contemporâneas. Así, en el presente trabajo, el objetivo principal es mostrar cómo los Estudios Culturales han contribuido en el campo de los estudios literarios, especialmente en el contexto de la Literatura Comparada, dada su esencia, siempre basada en el diálogo plural y multidisciplinario.

PALABRAS-CLAVE: Literatura Comparada; Estudios Culturales, Estudios Literarios; Metodología; Investigación Acadêmica.

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, os Estudos Culturais (ou *Cultural Studies*) vem sendo trazidos à tona cada vez mais nos meios acadêmicos, numa espécie de estímulo para a compreensão de aspectos

¹ Graduado em Letras com habilitação em Português/Literatura pela Universidade Federal do Ceará. Mestrando em Letras pela UFMA, campus III, na área de concentração em Linguagem, Cultura e Discurso, atuando na linha de pesquisa em Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber.

² Doutora em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta III de Literaturas de Língua Portuguesa da UFMA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLB/UFMA) na linha de pesquisa Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber, e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade pela mesma instituição. Orientadora de Mestrado de Tallyson Tamberg Cavalcante Oliveira da Silva. E-mail: cntolomei@yahoo.com.br

ligados à subjetividade da criação artística e cultural de um indivíduo ou grupo. Desse modo, podemos afirmar que esse campo de investigação possibilita uma elástica gama de perspectivas que servem de auxílio à compreensão dos aspectos sociais, econômicos, políticos e históricos, conforme expressam Sardar e Van Loon:

Os estudos culturais não cobrem uma área temática claramente definida, [...] tudo isso torna muito difícil, senão impossível, chegar a acordo sobre qualquer definição básica da natureza estranha que é são os Estudos Culturais, pois não são uma coisa, são muitas coisas. Eles estão localizados no âmbito intelectual e acadêmico, e vão desde as antigas disciplinas estabelecidas até os novos movimentos políticos, práticas intelectuais e modos de pesquisa (SARDAR; VAN LOON, 2005, p. 08).

Mais à frente, em busca do estabelecimento de particularidades que caracterizem a especificidade dos Estudos Culturais, Sardar e Van Loon nos apontam algumas considerações sobre o enfoque desse campo de estudos e pesquisa, a saber:

[...] 1- Os Estudos Culturais pretendem examinar sua matéria em termos de práticas culturais e sua relação com o poder [...] 2- Os Estudos Culturais não são simplesmente o estudo da cultura como se fosse uma entidade independente e separada do seu contexto social ou político [...] 3- Nos Estudos Culturais, a cultura sempre desempenha duas funções: é ao mesmo tempo o objeto de estudo e o espaço em que a crítica e a ação política estão localizadas [...] 4- Os Estudos Culturais tentam expor e conciliar a divisão do conhecimento, a fim de superar a divisão entre formas tácitas [...] 5- Os Estudos Culturais estão comprometidos com uma avaliação moral da sociedade moderna e com uma linha radical de ação política. (SARDAR; VAN LOON, 2005, p. 9).

Assim sendo, o que se percebe, a partir dos apontamentos elencados, é que há uma intrínseca relação entre o objeto dos Estudos Culturais e o aspecto sociológico, formando, pois, uma dialética entre cultura e sociedade. Esse *modus operandi* dos Estudos Culturais, sempre diversificado de acordo com o objeto de estudo, busca uma perspectiva entre os diferentes ramos para a avaliação dos agentes internos e externos que intervêm na exploração do objeto de análise.

Nesse sentido, pode-se dizer que há uma aproximação entre os Estudos Culturais e a vertente sociológica dos Estudos Literários, a qual promulga que o texto literário só é passível de uma completa compreensão a partir da dialética entre os seus fatores internos, estruturadores da obra, em consonância com os fatores externos, de cunho social e histórico, como defende, por exemplo, o crítico Antonio Candido, nos ensaios de sua obra *Literatura e Sociedade* (1972). No que diz respeito a essas relações entre os Estudos Culturais com a investigação de viés sociológico, assim no elucida Maria Cevasco (2003):

A posição teórica dos estudos culturais se distingue por pensar as características da arte e da sociedade em conjunto, não como aspectos que devem ser relacionados, mas como processos que têm diferentes maneiras de se materializar, na sociedade e na arte. [...] Os elementos normalmente considerados externos a um projeto artístico ou intelectual - por exemplo, o modo de vida de uma determinada sociedade - são internos na medida em que estruturam a forma das obras e dos projetos que, por sua vez, articulam os significados e os valores dessa sociedade (CEVASCO, 2003, p.64).

É, portanto, nesse sentido da multiplicidade de perspectivas e objetos propostos pelos Estudos Culturais que se estabelecem as aproximações desta com os propósitos da Literatura Comparada, uma vez que os estudos comparatistas buscam rastrear, também, as relações da literatura com outros ramos e artes, possibilitando, desse modo, um diálogo profícuo entre suas abordagens com a dos Estudos Culturais. No que diz respeito a essa ampliação de perspectivas do comparatismo literário, Aldridge enfatiza que esta:

[...] fornece um método de ampliação da perspectiva na abordagem de obras literárias isoladas – uma maneira de se olhar para além das estreitas fronteiras nacionais –, a fim de que sejam discernidos movimentos e tendências nas diversas culturas nacionais e de que sejam percebidas as relações entre a literatura e as demais esferas da atividade humana (ALDRIDGE, 1994, p. 255).

Já no que tange especificamente às suas contribuições no campo do comparatismo literário, faz-se notório lembrar que a Literatura Comparada não se resume a apenas um campo de atuação ou metodologia, mas a uma multiplicidade de áreas de atuação no seio da investigação literária, como bem nos assevera o mesmo autor:

[...] por causa da vastidão do material e da multiplicidade de problemas encontrados na literatura comparada, não existe um método ideal ou um modelo para o estudo. A terminologia metodológica é, quando muito, ambígua, e inúmeros métodos diferentes podem ser utilizados, ainda que se tratando do estudo de um mesmo problema (ALDRIDGE, 1994, p. 259).

Assim, compreende-se que as relações entre as diversas atividades e criações do gênio humano com o contexto social e histórico são fundamentais aos estudos de teor comparatista. O crítico e estudioso Eduardo Coutinho (1995, p. 56) assevera que tais progressos metodológicos proporcionaram “um novo olhar, que põe em xeque as antigas barreiras entre a literatura e outras áreas do conhecimento [...]”. De modo, pois, que essa nova configuração trouxe como incremento, também, a ampliação de fronteiras dos estudos de Literatura Comparada, ao incutir

no seu corpo investigativo as relações da arte literária com outros ramos do saber e do conhecimento.

Desse modo, o interesse da Literatura Comparada não se limita apenas ao ato da comparação no interior do âmbito literário, mas também procura, com bastante interesse, dedicar-se:

[...] ao estudo das relações entre a literatura e outras áreas de conhecimento e crenças, como as artes (por exemplo, pintura, escultura, arquitetura, música), a filosofia, a história, as ciências sociais (como a ciência política, a economia, a sociologia), as ciências experimentais, a religião etc. (REMAK *apud* VILLANUEVA, 1994, p. 106).

Essa dimensão interdisciplinar e multidisciplinar da Literatura Comparada é o que nos possibilita o estabelecimento de vínculos muito íntimos com os propósitos investigativos dos Estudos Culturais. Assim, constata-se que:

[...] a Literatura Comparada, como disciplina de investigação universitária, não se baseia na comparação. Ou antes, não se baseia apenas na comparação. De fato, trata-se, sobretudo, muito mais frequentemente, muito mais amplamente, de relacionar. Relacionar o quê? Duas ou mais literaturas, dois ou mais fenômenos culturais; ou, restritamente, dois autores, dois textos, duas culturas de que dependem esses escritores e esses textos. E trata-se também, obviamente, de justificar de maneira sistemática essa relação estabelecida. [...] a Literatura Comparada proporciona o diálogo não só entre as literaturas e as culturas, mas também entre os métodos de abordagens do fato e do texto literários (MACHADO *et al.*, 1988, p. 17).

Esse diálogo entre a literatura e as diversas manifestações culturais propicia um enriquecedor vínculo entre as áreas aqui apontadas: Literatura Comparada e Estudos Culturais. Os dois campos de estudos têm no relacionamento da arte com a sociedade o seu objeto central de seu interesse investigativo.

O diálogo entre a literatura e as demais formas culturais proporciona um formidável vínculo entre as áreas aqui destacadas – Literatura Comparada e Estudos Culturais. Tendo cada uma, em seus centros de interesse investigativo – embora cada com suas próprias metodologias –, a relação da arte com a sociedade.

1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A LITERATURA COMPARADA

De modo genérico e amplo, tomamos, em consonância com o teórico alemão Henry Remak, a definição de Literatura Comparada como sendo:

[...] o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião, em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (REMAK *apud* COUTINHO; CARVALHAL, 1994, p.175).

Percebe-se, desse modo, que o campo de investigação denominado de Literatura Comparada se refere a uma perspectiva teórico-metodológica que estuda a literatura por via da comparação e alicerçada em diferentes perspectivas literárias, sempre de forma multidisciplinar, num contínuo diálogo com outros campos do conhecimento. Assim, em síntese, e de acordo com Carvalhal (2006, p. 7), a Literatura Comparada não compara apenas pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de investigação literária uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe.

Como disciplina e campo de investigação, a Literatura Comparada surgiu no século XIX e está vinculada a corrente cosmopolita surgida nesse período, difundindo-se por toda a Europa, a partir de onde ganhou corpo e se produziu amplamente. Portanto, de acordo com Sandra Nitrini (2015), o século XIX foi:

[...] o marco temporal de sua instituição como uma atitude intelectual mais cultivada e, também, como uma disciplina acadêmica no contexto europeu. Ao que tudo indica, a expressão “literatura comparada” derivou de um processo metodológico aplicável às ciências, no qual comparar ou contrastar servia com um meio para confirmar uma hipótese (NITRINI, 2015, p. 20).

E ao situar a utilização sistemática do termo “literatura comparada”, a autora complementa que:

O termo surgiu justamente no período de formação das nações, quando novas fronteiras estavam sendo erigidas e a ampla questão da cultura e identidade nacional estava sendo discutida em toda a Europa. Portanto, desde suas origens, a literatura comparada acha-se em íntima conexão com a política (NITRINI, 2015, p. 20).

Ainda segundo Nitrini, a Literatura Comparada, no Brasil, ganha contornos mais acentuados e um maior foco de interesse a partir da metade do século XX, intensificando-se com mais veemência por volta da década de 80. Assim nos diz a referida pesquisadora sobre essa questão:

Na década de 1980 tomam impulso cursos de literatura comparada em níveis de graduação e pós-graduação, [...] ampliando, portanto, seu objeto de interesse no campo das relações inter-literárias e em consonância com o movimento geral dos estudos literários que abrem espaço para as chamadas literaturas não-canônicas (NITRINI, 2015, p. 279).

É importante lembrar, também, que é desse período a criação, em Porto Alegre, da Associação Brasileira de Literatura Comparada – a Abralic, por ocasião do I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada. Foi também na década de 80 a publicação do livro *Literatura Comparada*³ da professora e pesquisadora Tânia Franco Carvalhal, numa coleção destinada a estudantes universitários. No entanto, ainda de acordo com Nitrini (2015, p. 184), o gérmen da institucionalização da Literatura Comparada como disciplina e interesse de pesquisa acadêmica se situa entre os anos de 1950 e 1960, com a introdução da disciplina nos currículos dos cursos de Letras, iniciando-se na Universidade de São Paulo por sugestão do renomado professor e crítico Antonio Candido.

Em texto intitulado “Literatura Comparada, Literaturas Nacionais e o Questionamento do Cânone” e publicado em 1997, na Revista Brasileira de Literatura Comparada, Eduardo Coutinho elabora reflexões sobre o desenvolvimento contemporâneo do comparatismo literário, especialmente a partir da década de 70. Enfatiza o autor que a disciplina tem sofrido um processo de mudança, marcada pelo discurso descentralizador, propenso à diversidade e, com isso, uma aproximação cada vez maior do comparatismo com as questões culturais, ampliando enfaticamente o cunho internacional e interdisciplinar da Literatura Comparada, que passou a abranger cada vez mais uma rede complexa de relações culturais. Assim sendo, para o autor, as modernas propostas concernentes à renovação da disciplina tem trazido um caráter mais plural e interdisciplinar à mesma, cujo benefício se faz sentir nas investigações mais complexas e heteróclitas no seio do comparatismo literário. Diz-nos assim, referindo-se as propostas renovadoras no seio da Literatura Comparada na América Latina:

Estas propostas, diversificadas e sujeitas a constante escrutínio crítico, indicam a pluralidade de rumos que o comparatismo vem tomando no continente, em consonância perfeita com as tendências gerais da disciplina. [...] A Literatura Comparada é hoje, máxime nesses locais, uma seara ampla e movediça, com inúmeras possibilidades de exploração, que ultrapassou o anseio totalizador de

³ CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios)

suas fases anteriores, e se erige como um diálogo transcultural, calcado na aceitação das diferenças (COUTINHO, 1996, p. 73).

Portanto, em síntese, pode-se dizer que a Literatura Comparada é hoje um campo de pesquisa e investigação calcado sobremaneira nos problemas políticos do atual mundo globalizado, levando em consideração o entrecruzamento de culturas, desde as mais próximas até as mais afastadas entre si. Desse modo, percebe-se que essa seara vem buscando, cada vez mais, um diálogo mais profícuo com outros ramos do conhecimento humano, tendo em vista os imperativos da contemporaneidade.

2 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS

O termo Estudos Culturais (*Cultural Studies*) surgiu no universo acadêmico por volta da década de 60, a partir das contribuições teóricas de Richard Hoggart, professor universitário de literatura, bem como também das de seu colega Raymond Willims. No ano de 1964 fundaram o famoso Centre for Contemporary Cultural Studies, na Universidade de Birmingham. A esse respeito, assim nos explana a pesquisadora Ana Carolina Escosteguy, referindo-se à formação dos Estudos Culturais:

Este campo de estudo surge, então, de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa “As utilizações da cultura” (1957), Richard Hoggart funda, em 1964, o Centro. Este surge ligado ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação dessa mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais compõem seu eixo principal (ESCOSTEGUY, 2010, p.138-139).

Como visto, portanto, a constituição dos *Cultural Studies* começam a ganhar corpo a partir de uma insuficiência analítica da teoria literária, por volta das décadas de 50 e 60, haja vista que aquela encontrava-se interessada exclusivamente com a explicação imanente do texto, herança das correntes teóricas formais, como o Formalismo Russo e o New Criticism, em detrimento dos aspectos socioculturais e os processos relacionados à produção e recepção das obras, em favorecimento de uma espécie de essência universalista do caráter formal e de sentido.

Assim sendo, os *Cultural Studies* amalgamam em seu bojo um corpo interdisciplinar no que diz respeito aos aportes de outros ramos do conhecimento, tal como a antropologia, a psicologia, a sociologia, a história, a psicanálise e a semiótica para, assim, iluminar determinados

aspectos de uma cultura, incluindo, como é evidente, os estudos relacionados ao campo literário. Nas palavras de Stuart Hall, “os Estudos Culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade” (HALL *apud* ESCOSTEGUY, 2010, p.137).

Assim, o método de trabalho dos Estudos Culturais tem como ponte de partida a análise literária em direção a uma perspectiva cultural. Inicia-se, assim, numa primeira etapa que leva em consideração a toda espécie de elementos de linguagem: ambiguidades, incidentes, figuras, ênfases, repetições, elipses, resíduos, paradoxos, etc. Esses procedimentos objetivam analisar de que modo tais aspectos linguísticos funcionam num plano estético, psicológico, histórico e cultural. Essa última é determinada como consequência da interação de necessidades oriundas da estrutura formal, de necessidades psicológicas do tipo de indivíduo que produziu a obra e de necessidades culturais de certo tipo de sociedade, num certo período.

Parte-se, pois, do pressuposto de que qualquer sociedade possui valores, sistemas, mentalidades, formas de manifestações artísticas e que, portanto, todos esses aspectos se relacionam num processo dialético. Dessa forma, evitam-se as ortodoxias e os estreitamentos dos enfoques e se propõe um estudo sempre provisório, capaz de discernir numa cultura as individualidades. É, afinal, “campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais das sociedades contemporâneas” (ESCOSTEGUY, 2010, p.137).

É, inclusive, no recinto dos Estudos Culturais que surge o conceito de “multiculturalismo” o qual nos possibilita o reconhecimento de que cultura não é um todo unitário, é antes um quadro de manifestações simbólicas autônomas e específicas, nascidas no interior dos diversos segmentos que formam as sociedades e também sempre capazes de ultrapassar fronteiras, sejam elas nacionais ou regionais. Afinal, “nenhuma cultura é uma ilha” (BURKE, 2006, p.101).

Desse modo, pode-se dizer que os Estudos Culturais se constituem como uma prática dialógica da teoria e crítica literária com os conceitos operativos de outros ramos do saber científico (como cultura, identidade, hibridismo, residualidade, memória, etc.), respondendo, assim, a uma especificidade histórica e a uma vocação política dos estudos relacionados à cultura, à arte e à literatura.

Nesse aspecto, diz-nos Richard Johnson: “Os Estudos Culturais [...] exercem uma grande influência sobre as disciplinas acadêmicas, especialmente sobre os Estudos Literários, a Sociologia, os Estudos de Mídia e Comunicação, a Linguística e a História” (JOHNSON, 2010, p. 9). Lembra-nos ainda que: “Na história dos Estudos Culturais, os primeiros encontros foram

com a crítica literária. Raymond Williams e Richard Hoggart [...] desenvolveram a ênfase na avaliação lítero-social, mas deslocaram-na da literatura para a vida cotidiana” (*idem*, p. 10).

Fica claro, portanto, que as configurações metodológicas dos Estudos Culturais em coadunação com os pressupostos da análise literária concentram-se mais judiciosamente no deslocamento da análise textual para as unidades operacionais do contexto político, cultural e histórico. Formas instáveis, que oscilam do espaço privado ao público, do literário às ciências humanas, do estético ao ético, constroem, nessas fronteiras fluidas, o tecido composto do literário e do cultural.

3 DAS RELAÇÕES ENTRE ESTUDOS CULTURAIS E LITRATURA COMPARADA

Desde o final da década de 60, as reflexões em torno das relações entre Estudos Literários e Estudos Culturais têm ganhado cada vez mais destaque nos meios acadêmicos. A recorrência de uma prática interdisciplinar, cujo objetivo se efetua em diluir as margens que particularizam os discursos das ciências humanas, começou a ser impelido a partir do Estruturalismo francês, mormente após os métodos linguísticos propostos por Ferdinand Saussure.

Nesse sentido, a literatura passou a ser examinada como objeto de análise a partir de um olhar eminentemente sincrônico, almejando alcançar os significados do literário por meio dos elementos que o compõem, em seus aspectos internos principalmente. Tratava-se, portanto, de uma análise investigativa apoiada com mais veemência na suposta autonomia da obra literária, desligada do contexto histórico, social e de produção, tendo o foco, então, voltado a um prisma imanente e calcado sempre em fatores intra-literários. No entanto, o resultado desses esforços, alicerçados numa materialidade de autossuficiência do literário, não demorou a evidenciar-se insatisfatório. A voga estruturalista foi paulatinamente cedendo espaço a uma abordagem historicista empreendida a partir de uma mudança radical de perspectiva.

Algumas décadas depois, o Pós-Estruturalismo promoveu uma historização dos estudos literários, que não apenas incluía o diálogo profícuo das diversas práticas discursivas, mas também buscava reintroduzir o indivíduo situado sócio-historicamente. Nesse sentido, teve início um processo de paulatina diluição acerca do compartimento estanque de saberes, possibilitando um movimento de cunho humanístico e historicista, cuja consequência se efetivava no livre tráfego das disciplinas que compõe o painel do saber humanístico. Assim, a pretensa autonomia e redução dos discursos a uma circunscrição limitada caiu por terra. Gradativamente as disciplinas extinguiram suas fronteiras e expandiram os horizontes, dando abertura a um processo de intenso diálogo interacional.

Com essa mudança de perspectiva, no que diz respeito especificamente ao discurso literário, este passou a deixar de enfatizar a primazia na *literariedade*, compreendida, antes, como a sua especificidade, e passa paulatinamente a ser vislumbrada como sendo parte de uma construção de ordem histórico-cultural. Essas mencionadas mudanças metodológicas originaram o antagonismo verificado na atual heterogeneidade no âmbito dos estudos literários, tendo representações desses posicionamentos dicotômicos os Estudos Literários e os Estudos Culturais, respectivamente. É, pois, nesse sentido que assistimos atualmente, nos meios acadêmicos, o revezamento de opiniões que ora investem contra a indiscriminação do multiculturalismo, ora defendem esse profícuo diálogo entre os vários campos do conhecimento humano.

Compartimentando saberes para a possibilidade de uma reflexão mais plural, demonstra que ao invés das pretensões centralizadas de um cientificismo retrógrado, faz-se mais interessante e produtora a relativização dos saberes e a superação de uma pretensa autossuficiência inócua. Nesse sentido, no que tange a esse dialogismo interdisciplinar relativo aos estudos literários, assim nos elucidava Eneida de Souza, em fala proferida no ciclo de debates dos anais da VI Abralic: “Esse debate em torno dos lugares disciplinares tem cheiro de fruta passada e já deveria estar produzindo outros frutos que enriqueceriam os estudos literários comparatistas e culturais” (SOUZA, 1999, p. 112).

Eneida esclarece, ainda, que o discurso literário, convocado a interagir de modo ativo com o diálogo sustentado no recôndito dos estudos culturais, estaria colaborando para o desenvolvimento das reflexões em torno das humanidades:

A prática interdisciplinar, funcionando como mecanismo de abertura para o trânsito entre os discursos das ciências humanas, exerce papel importante nessa reflexão. Nessa operação, o literário se dilui e se transforma através de múltiplas inserções, desfazendo-se de pretensas singularidades, ao ser convocado a entrar como componente ativo na rede interdisciplinar [...]. (SOUZA, 1999, p. 112).

Esses deslocamentos dos matizes disciplinares evita a autenticação fixa de valores, destruindo, pois, hierarquias e dando possibilidade, portanto, a uma permanente renovação no campo das ideias e reflexões que circundam as ciências humanas. É nessa perspectiva que Eneida de Souza sugere esse “não lugar da literatura”, destacando, com isso, o caráter relativo dos saberes:

A relativização dos valores espaciais permitiu ao filósofo criar o espaço teórico relacional por excelência, o entre, em que os conceitos são utilizados em relação, sem vínculo com entidades substanciais. Dentro dessa perspectiva,

desprovida de caracterização imanentista dos objetos, [...] comprova-se o deslocamento como categoria capaz de movimentar o raciocínio disciplinar – derrubando conceitos fixos e verdades consagradas pela cristalização de lugares e pela atomização dos interiores (SOUZA, 1999, p. 112).

Ainda no percurso que envolve as questões concernentes aos estudos literários em simbiose com os estudos culturais, outra indagação é enfatizada nesse processo: a equivalência existente entre os *Cultural Studies* e a Literatura Comparada. Eduardo Coutinho, um dos mais gabaritados dos estudiosos dos estudos comparatistas no campo da literatura brasileira, esclarece que, desde sua configuração inicial, isto é, ainda no século XIX, a disciplina angariou para si uma “perspectiva transdisciplinar”. Assim, o caráter dialógico dos estudos comparatistas investiu na ampliação dos horizontes e das fronteiras ao realizar uma interação com outras áreas do conhecimento humano, “em especial setores das Humanidades considerados afins, como a História e a Filosofia” (COUTINHO, 1999, p. 249-250).

Nesse sentido, Coutinho reacende a questão relacionada à interação dialógica entre os saberes humanísticos, mormente aqueles voltados ao campo dos estudos literários e demais disciplinas afins, com as quais a literatura mantém um fecundo diálogo. Nessa relação dialógica entre os estudos literários e os *Cultural Studies*, assim nos assinala a professora Eneida Leal Cunha:

No caso dos Estudos Culturais e da Literatura Comparada – registre-se em tempo, a Literatura Comparada tal como esta se firmou na última década aqui no Brasil – vale a pena evitar definições, seguindo a sugestão de Frederic Jameson, pois defini-los significaria detê-los para retirar deles aquilo que não são, estabelecer fronteiras movidos por uma vontade de pureza, ou, dito de outra forma, ceder ao projeto platônico de separação e classificação, em linhagens, por uma lógica de semelhanças, do autêntico ou legítimo – o que é digno de herdar o nome –, e do inautêntico, ilegítimo, secundário (CUNHA, 1999, p. 249-250).

É, pois, inegável que o caráter transdisciplinar tem vigorado inequivocamente no âmbito dos estudos literários. Portanto, a pretensão de um separatismo estanque dos campos de estudos aqui discutidos incidiria num retrocesso epistemológico, pois tal atitude reacenderia a reconfiguração limítrofe dos saberes, estagnando o movimento que hoje reina a rede multidisciplinar nos estudos das Ciências Humanas. A Literatura Comparada, como é evidente, também tem acompanhado essa inclinação à multidisciplinaridade, como bem nos assevera uma das especialistas em estudos literários comparados Tânia Carvalhal:

É natural que a literatura comparada tenha acompanhado a inclinação geral ao teórico que caracterizou, desde os anos 50 e 60, os estudos literários, quando esses sentiram a necessidade de uma fundamentação que lhes assegurasse maior objetividade de atuação e mais precisão em seus resultados de análise. Não poderia, pois, a literatura comparada ficar à margem desse movimento e deixar de valer-se da riqueza de conceitos operacionais que lhe foram postos à disposição pelas diferentes correntes teóricas (CARVALHAL, 1994, p.11).

Portanto, pode-se dizer que os Estudos Culturais inter-relacionam-se perfeitamente com os Estudos Literários. Tal relação amplia os limites fenomenológicos dos Estudos Literários, que passam a dialogar mais com a história, a antropologia, a sociologia e a política, simultaneamente respondendo a tomada de consciência das universidades de sua precária relação com o mundo externo. Assim, o que então se denomina “Estudos Culturais” constituiria uma ampliação dos limites éticos da crítica. Nesse sentido, faz-se relevante as considerações de Culler (1999) acerca da relação entre tais campos de estudo:

Mas qual é a relação entre estudos literários e estudos culturais? Em sua concepção mais ampla, o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas. [...] Em princípio, então, os estudos culturais incluem e abrangem os estudos literários, examinando a literatura como uma prática cultural específica (CULLER, 1999, p.49).

Os estudos literários podem ganhar quando a literatura é estudada como uma prática cultural específica e as obras são relacionadas a outros discursos. O impacto [...] foi expandir o arco de questões às quais as obras literárias podem responder e focar a atenção nos diferentes modos através dos quais elas resistem ou complicam as ideias de seu tempo. Em princípio, os estudos culturais, com sua insistência no estudo da literatura como uma prática de sentido entre outras, e no exame dos papéis culturais dos quais a literatura foi investida, podem intensificar o estudo da literatura como um fenômeno intertextual complexo (*idem*, p.52-53).

Quanto à especificidade com que a crítica e investigação literária se utilizam dos aparatos metodológicos dos Estudos Culturais, lembra-nos Walter Moser que estes, assim como aqueles, também têm no texto literário o seu objeto principal de investigação. Assim, pois, se referindo ao método dos *Cultural Studies*, nos informa que:

Os textos (nesse caso, também “discursos”) são os objetos principais, mas se lhe estuda para se ter acesso à outra realidade que em si não é de natureza textual, como as formações sociais, por exemplo. É nesse sentido, pois, que a crítica literária em coadunação com os estudos culturais se efetua (MOSER, 1998, p.70).

A validade dos Estudos Culturais como contribuições à Literatura Comparada se insere, desse modo, na pertinência de uma abordagem dos estudos literários que seja mais ampla, que não se detenha com exclusividade nos recursos formais, mas também que acentue as relações que o texto pode estabelecer com a vida social, política, histórica, enfim, com os aspectos relacionados ao conjunto de valores, crenças, atitudes, mentalidades, em suma, à cultura de uma coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, torna-se evidente que a pertinência de uma abordagem dos estudos literários que não se limite com exclusividade nos recursos internos parece ser mais adequada à natureza do objeto de análise, procurando, também, evidenciar e compreender as relações que o literário possa estabelecer com os aspectos da vida social. Não se quer, com isso, afirmar que se deva menosprezar a função estética dos procedimentos formais da análise literária, pois na verdade é deles que a potência emancipatória do texto literário deriva, porém se incorre em erro erigi-los como procedimento principal do trabalho investigativo. Nesse sentido, para Walter Moser:

O desafio consiste, portanto, em não permanecer fechado no objeto textual e em encontrar “mais além” um objeto de uma natureza diferente - e talvez menos simbólica -, que é de natureza prática. Em suma, o que se deseja é sair do objeto privilegiado, e às vezes único dos Estudos Literários, a fim de encontrar realidades extratextuais (MOSER, 1998, p.64).

E complementa:

Parece-me, portanto, incontestável que o estabelecimento dos estudos culturais implique uma transcendência dos estudos literários, e isso em muitos sentidos. Por outro lado, [...] ele não implica a transcendência do objeto “texto” que os estudos culturais continuam a partilhar com os estudos literários, não sem ter “importado” dos estudos literários algo que poderíamos chamar de *know-how* teórico e metodológico sobre o texto (*idem*, p.72).

Assim sendo, e diante do pluralismo que tem se almejado pôr em prática nas atuais pesquisas acadêmicas, principalmente aquelas ambientadas no interior das Ciências Humanas, é que se pode afirmar, portanto, que os Estudos Culturais só têm a contribuir em sua relação com as pesquisas no campo da Literatura Comparada. Assim sendo, ganha especial relevância a história dos comportamentos dos sistemas literários em relação à vida cultural e vice-versa.

A pluralidade, aliás, tem sido, desde sempre, um traço inerente no seio da literatura – desde gêneros, formas, estilos, cenários, linguagens, temáticas, etc. O que se tem visto, todavia,

ao longo da história, é que seus estudiosos têm procurado um conceito que abarcasse essa ilimitada proliferação e lhe desse uma identidade unívoca. O que se percebe, porém, a sua contínua renovação e trânsito entre tradição e modernidade impede, porém, que se pense num domínio exclusivamente circunscrito.

Podemos afirmar, então, que no processo cultural, as tradições são heranças que estão sempre, de modo consciente ou não, sendo resgatadas e aclimatadas aos tempos em que sobrevivem. Dessa feita, lembra-nos Peter Burke que: “[...] as tradições são como áreas de construção, sempre sendo construídas e reconstruídas, quer os indivíduos e os grupos que fazem parte dessas tradições se deem ou não conta disso” (BURKE, 2006, p.102).

Portanto, hoje se torna impensável a noção de que a literatura só é tal quando produzida por um gênio, por uma espécie de inspiração inexplicável, que não deve nada à tradição ou às instituições ou pessoas que formam o chamado sistema literário. As bandeiras atuais são o hibridismo e o dialogismo: nada provém do nada.

Todo esse aparato analítico tem posto em causa as noções de identidade do sujeito e identidade das obras, transformando, paulatinamente, pontos de vista consolidados ao longo dos séculos. Os estudos sociológicos, antropológicos e psicanalíticos vêm provando que o sujeito não possui uma identidade unitária, mas um conjunto de traços diferenciais que depende dos diversos contextos sociais e culturais em que está inserido, bem como de um aparato psíquico que também funciona como uma linguagem.

Seja em relação à sociedade ou aos bens culturais, as análises desconstrucionistas vieram derrubar certezas, mostrar debilidades das teorias universalizantes, desobstruir o fluxo de ideias e ações entre áreas tradicionalmente separadas. E é assim, desse modo, que hodiernamente a vinculação entre os estudos literários e os Estudos Culturais se produz, incentivada por um projeto de renovação da formação acadêmica em Letras e Humanidades.

REFERÊNCIAS

ALDRIDGE, A. Owen. “Propósito e Perspectivas Da Literatura Comparada”. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia. (Org.). *Literatura Comparada: Textos Fundadores*. Trad. Sonia Torres. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*/ Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. (Coleção Aldus).

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).

_____. “Teorias em Literatura Comparada”. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v.2, n.2, p.09-17, 1994.

COUTINHO, Eduardo. “Fronteiras Imaginadas: O Comparatismo e Suas Relações Com a Teoria, a Crítica e a Historiografia Literárias”. In: ANDRADE, Ana Luiza, CAMARGO, Maria Lucia de Barros, ANTELO, Raul (Orgs.). *VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Florianópolis: Leituras do Ciclo, 1998.

_____. “Literatura Comparada, Literaturas Nacionais e o Questionamento do Cânone”. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 3, n. 3, p. 67-74, 1996.

_____. “Sem Centro Nem Periferia: É Possível Um Novo Olhar No Discurso Teórico-Crítico Latino-Americano?”. In: *Congresso da ABRALIC – Anais*. Belo Horizonte: ABRALIC. Vol. 2, p. 621-633. 1995.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: Uma Introdução*. Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

CUNHA, Eneida Leal. “Literatura Comparada e Estudos Culturais: Ímpetus Pós-Disciplinares”. In: ANDRADE, Ana Luiza, CAMARGO, Maria Lucia de Barros, ANTELO, Raul (Orgs.). *VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Florianópolis: Leituras do Ciclo, 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. “Estudos Culturais: Uma Introdução”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org. e trad.). *O Que É, Afinal, Estudos Culturais?* 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

JOHNSON, Richard. “O Que É, Afinal, Estudos Culturais?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org. e trad.). *O Que É, Afinal, Estudos Culturais?* 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da Literatura Em Suas Fontes*. 2º ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MACHADO, Á. M.; PAGEAUX, D. H. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MOSER, Walter. “Estudos Literários, Estudos Culturais: Reposicionamentos”. In: *Revista Literatura e Sociedade*. São Paulo, v.3, n.3, p.62-76, 1998.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica*. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2015.

REMAK, Henry. “Literatura Comparada: Definição e Função”. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia. (Orgs.). *Literatura Comparada: Textos Fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SARDAR, Z.; B. VAN LOON. *Estudios Culturales*. Barcelona: Paidós. 2005.

SOUZA, Eneida de. “O Não-Lugar da Literatura”. In: ANDRADE, Ana Luiza, CAMARGO, Maria Lucia de Barros, ANTELO, Raul (Orgs.). *VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Florianópolis: Leituras do Ciclo, 1998.

VILLANUEVA, D. (coord.). *Curso de Teoría de La Literatura*. Taurus, Madrid, 1994; p. 99-127.

Recebido em: 21/02/2020

Aprovado em: 29/03/2020

Publicado em: 12/06/2020